

A VOZ DA REVOLUÇÃO



N.º 1

- ÓRGÃO OFICIAL DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO) -

JUNHO 1977

A VOZ DA REVOLUÇÃO aparece agora sob nova forma. Em vez de um caderno volumoso, pesado e difícil de transportar, o nosso órgão de informação tomou uma forma mais simplificada, e de melhor aspecto gráfico. Nele passaremos a incluir os assuntos de mais interesse e os mais actuais, com uma preocupação sobretudo informativa. Por vezes faremos edições especiais, para publicar por exemplo comunicados do Comité Central ou do Comité Executivo, mensagens do Presidente da FRELIMO, e outros textos que consideremos muito importantes. Desta maneira manteremos os nossos camaradas constantemente informados sobre o que se passa na nossa terra e no mundo exterior, relacionado com a nossa luta de libertação. E ao mesmo tempo fornecer-lhes-emos as directivas políticas fundamentais dos órgãos superiores da nossa Organização.

comunicado de guerra

CABO DELGADO: durante o período de 17 de Janeiro a 11 de Maio, os guerrilheiros da FRELIMO atacaram os postos de Nonia, Nangololo e Nyankoma; matámos mais de 350 soldados portugueses, destruímos 73 carros, explodimos 2 pontes (perto do posto de Ng'apa), libertámos 113 pessoas das aldeias de protecção, e capturámos importantes quantidades de material de guerra.

TETE: entre 4 de Fevereiro e 24 de Abril, os nossos guerrilheiros atacaram e danificaram 9 postos inimigos (de Palula, Chioco, zona de Furancungo, Katondo, Armando, Mulumbwa, Chidima, Ntawe e

Mukumbura); mataram 109 soldados, destruíram 21 carros, destruíram a ponte sobre o rio Mutessa e capturaram armas e munições. Destruímos também 1 carro militar e matámos 3 soldados vindos da Rodésia, que entraram em Moçambique para ajudar os colonialistas portugueses.

NIASSA: os comunicados mais recentes revelam que os nossos camaradas atacaram 2 postos (Chonde e Luatize); mataram 29 soldados inimigos, destruíram 6 carros militares e uma ponte sobre o rio Luatize, que ligava os postos de Mavago-Valeim e Luatize.



O KAULZA É MENTIROSO

A campanha de mentiras dos colonialistas portugueses continua. Derrotados no campo de batalha, eles procuram enganar o mundo inventando vitórias fabulosas sobre as nossas forças. Recentemente, no seu comunicado de Abril, as Forças Armadas Portuguesas em Moçambique comunicaram que tinham morto 130 guerrilheiros da FRELIMO, destruído 45 bases, capturado 104 armas, e outras invenções do mesmo tipo.

Mas ironicamente, são essas mentiras acumuladas que finalmente, por si próprias, acabam por desmascarar e desacreditar os colonialistas portugueses. Basta ver os «sucessos» que eles anunciam nos seus comunicados de guerra de Março de 1970 a Março de 1971. Nesses comunicados, os portugueses dizem que mataram 863 guerrilheiros da FRELIMO; capturaram 1804; provocaram a rendição ou deserção de 6881 outros guerrilheiros (muitos dos quais, dizem os colonialistas, eram saltos responsáveis da FRELIMO); destruíram ou ocuparam 308 bases da FRELIMO; capturaram ou destruíram mais de 60 toneladas de material de guerra. Além disso, em Setembro do ano passado, o general Kaulza de Arriaga, comandante militar português em Moçambique, tinha já declarado que a sua «grande ofensiva Nô Górdio» contra a FRELIMO estava na «sua e última fase», e era o «golpe final» contra os poucos bandos de guerrilheiros, já completamente desarticulados, que ainda subsistem.

Mas surpreendentemente, nos princípios deste ano, nós vemos o mesmo general anunciar a grande ofensiva de 1971 contra as forças da FRELIMO. Isto é muito espantoso: pois se o Kaulza já ocupou ou destruiu as nossas bases (3541), destruiu ou capturou as nossas armas (60 toneladas) e causou perdas à FRELIMO de cerca de 10.000 guerrilheiros, se ele de facto lançou o seu golpe final contra a FRELIMO - contra quem então é esta nova ofensiva?

Claro que a verdade é outra. A verdade é que os números que os portugueses comunicam são absolutamente falsos: trata-se de uma monumental campanha de mentiras, tornada possível pela cumplicidade da imprensa imperialista, e que visa esconder as derrotas que os portugueses estão a sofrer em Moçambique em todas as frentes. As operações portuguesas de 1971, logo de serem uma grande ofensiva, são de facto uma tentativa desesperada de «contra-ofensiva» imposta pelo avanço das nossas forças da FRELIMO. De facto, em Cabo Delgado atacámos já o inimigo nas proximidades da capital desta Província, Porto Amélia. Os nossos combatentes estão a operar de ambos os lados do rio Montepuez, e abrem novos focos de luta armada atrás das linhas de defesa inimiga, desmontando-as completamente. Na Província do Niassa isolámos a capital, Vila Cabral, ao mesmo tempo que estendemos a luta armada para o Sul e Leste. Em Tete, controlamos a região a Norte do rio Zambeze. As nossas forças travessaram já o rio e estão a operar no sul, tendo havido já importantes combates nas proximidades de Cahora Bassa, anunciados pelo próprio inimigo nos princípios deste ano.

Deste modo, a chamada «grande ofensiva de 1971» anunciada pelo Kaulza não só encontrou os nossos combatentes e o nosso povo preparados para ela, com todas as estradas minadas, as populações armadas e os guerrilheiros nos seus postos - mas mais do que isso: encontrou as nossas forças no ataque. E quando os portugueses entraram no mato foram literalmente dizimados, como se comprova pelo resultado das nossas operações militares em Cabo Delgado, Niassa e Tete.

Assim a nossa luta cresce. Assim uma grande ofensiva portuguesa foi esmagada antes mesmo de ter começado.

«NÃO QUEREMOS SER CÚMPLICES» - A Igreja

Dois ordens religiosas católicas - os Padres Brancos e a Ordem do Espírito Santo, tomaram a decisão de retirarem-se de Moçambique. Ao explicar essa decisão, o Padre Theo Van Assen, Vigário Geral dos Padres Brancos, declarou:

«As razões que nos levam a retirarmo-nos de Moçambique são muito sérias. Nós constatamos que quando queremos agir dentro do quadro do ministério apostólico, os actos que visam promover uma verdadeira justiça social são considerados pelas autoridades portuguesas como «acti-

vidades subversivas», e nessa base muitos militantes cristãos foram sujeitos a vexames e mesmo presos e batidos. Nós pensamos, em consciência, que não temos o direito de sermos cúmplices de um apoio oficial a um regime (o regime colonial português) que se serve da Igreja para consolidar e perpetuar em África uma situação anacrónica e, a longo termo, sem saída ... A nossa presença criaria uma confusão lamentável no espírito das populações, que nos considerariam cúmplices do colonialista português. Saimos de Moçambique por uma questão de honestidade. Portugal declara-se abertamente católico e protector da Igreja, mas no fim de contas serve-se da Igreja para fins que não tem nada que ver com os fins do Evangelho.

Josina Machel

O Comité Executivo da Frelimo, comunica, com profundo pesar, que a camarada Josina Abiatar Machel, esposa do Presidente da FRELIMO, camarada Samora Moisés Machel, faleceu em 7 de Abril de 1971, por motivos de doença. Ela tinha 25 anos de idade.

A camarada Josina Machel foi uma militante activa na luta pela libertação do nosso país, sempre dedicada, corajosa e nunca fraquejando.

Uma combatente na linha da frente, foi uma das dirigentes do Destacamento feminino da FRELIMO - a secção das mulheres combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique. Ela foi chefe da Secção dos Assuntos Sociais, e responsável para as relações exteriores na Secção da Mulher da FRELIMO.

O exemplo da sua vida como uma militante da Revolução Moçambicana, e a contribuição que deu particularmente na promoção do papel da mulher Moçambicana, estará para sempre conosco e será um guia e encorajamento para o prosseguimento da luta contra o colonialismo português e o imperialismo até a vitória final.

8 de Abril de 1971

O Comité Executivo da Frelimo



UM CAPITÃO NOSSO ALIADO



As deserções no seio do exército colonial Português aumentam, assustadoramente para o Caetano. Já não são só os soldados ou cabos ou sargentos: são os próprios oficiais! E não desertam só isoladamente, um por um: eles desertam em grupos! Há poucos meses, 10 tenentes e um capitão desertaram e pediram refúgio político na Suécia e na Bélgica, mostrando dessa maneira a sua oposição a guerra colonial em que o Caetano lhes queria obrigar a participar.

O capitão desertor - Jaime Morais (foto à esquerda) participou nas «grandes ofensivas» de 1970 em Moçambique. Quando foi entrevistado por um jornal Sueco sobre a situação militar em Portugal e os resultados da ofensiva em Moçambique, ele disse:

«Eu era comandante de uma companhia em Moçambique, tinha 166 homens sob o meu comando. Desertei porque não podia obedecer às ordens de queimar povoações Africanas. O descontentamento com a guerra colonial aumenta no seio da tropa Portuguesa. Muitos oficiais são contra a guerra, mas tem medo de dizer isto abertamente pois seriam logo acusados de comunistas e presos.

«Eu participei na «grande ofensiva» em Moçambique, em 1970. Não tivemos sucessos nenhuns, pelo contrário, perdemos muitos homens. E quando nos retiramos, não controlávamos nenhum território. A campanha foi ideia do General Kaulza de Arriaga, que queria através dela ganhar prestígio pessoal».

«Eu não condeno a FRELIMO por matar os soldados portugueses: os Africanos tem de se defender. Com esta guerra, o governo português está a fazer mal a Moçambique e a Portugal».



16 DE JUNHO - O MASSACRE DE MUEDA

No dia 16 de Junho de 1960, as populações de Cabo Delgado dirigiram-se para a Administração de Mueda. Tratava-se de um movimento pacífico, legítimo, que visava pedir às autoridades portuguesas que reconhecessem o direito à independência e liberdade do povo Moçambicano.

Os portugueses responderam com balas e granadas. Num massacre terrível, eles mataram mais de 500 moçambicanos, lançando granadas e disparando contra a multidão. Muitos outros foram presos e morreram na prisão ou continuam presos.

Que ninguém esqueça os nossos irmãos massacrados, que ninguém esqueça a lição do dia 16 de Junho de 1960! Foi nesse dia que o nosso povo compreendeu que devia pegar em armas para se libertar, o dia 16 de Junho fez-nos compreender a necessidade do 25 de Setembro.

OS NOSSOS INIMIGOS

Aumenta em cada dia o envolvimento das potências imperialistas aliadas de Portugal, na exploração e opressão da nossa terra, Moçambique. O governo português é próprio tem interesse nesse envolvimento: como vê que está a ser derrotado pelos nacionalistas em Moçambique, Angola e na Guiné, como vê que não pode ganhar a guerra colonial sozinho, Portugal convida os outros membros da família imperialista a virem participar na exploração das nossas riquezas e do nosso povo. Em troca dessa exploração, Portugal pede-lhes ajuda na luta contra a FRELIMO, o MPLA e o PAIGC. E estes países, claro está, ajudam o governo de Portugal, quer dando-lhe armas e dinheiro, quer enviando técnicos, quer defendendo o colonialismo português nas conferências internacionais.

A maior parte desses países imperialistas estão reunidos na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). E esta Organização, para mostrar bem o seu apoio a Portugal e seu desprezo pelas aspirações de liberdade e independências dos nossos povos, decidiu ter a sua reunião este ano em Portugal! Apesar da oposição de todas as forças democráticas e progressistas do mundo, essa Organização que é chefiada pelos ultra-imperialistas dos Estados Unidos da América, convocou a sua reunião para Lisboa.

Para o nosso povo é importante saber isto: porque estamos na fase em que importa sabermos exactamente quem são os nossos inimigos, e quais são os países e forças que nos apoiam: para nessa base podermos estabelecermos as nossas relações. Essa Organização é inimiga do povo

Moçambicano, porque é imperialista e apoia o colonialismo português.

E a OTAN é também inimiga do próprio povo português — porque ajuda sem reservas o fascismo português que oprime e explora o povo de Portugal.

O povo português está consciente disto: e para mostrar a sua condenação da OTAN no apoio ao fascismo e colonialista português, uma organização, a Acção Revolucionária Armada realizou importantes acções de sabotagem em Lisboa, que afectaram gravemente o sector das comunicações, poucas horas antes de começar esta reunião de Ministros da OTAN. Nós a FRELIMO, saudamos esta nova manifestação de militância revolucionária do povo Português representado pela ARA, reafirmamos a nossa solidariedade para com o povo Português na luta anti-colonial e anti-fascista.

AS BAIXAS INIMIGAS

As autoridades colonialistas portuguesas tentam por todos os meios esconder as baixas que sofrem na guerra contra a FRELIMO. Porque se eles indicassem o número real dos seus mortos, a reacção do povo português contra a guerra imunitária; e a demoralização dos outros soldados portugueses, que estão na tropa porque são obrigados, cresceria ainda muito mais. Por isso é que o exército colonialista não anuncia geralmente mais do que 5 a 10 soldados mortos em combate, em cada comunicado deles. Quer dizer: o número de mortos é tão grande que os portugueses são obrigados a anunciar pelo menos alguns deles.

Foi principalmente durante e depois da grande ofensiva de 1970 que as baixas se multiplicaram no exército português; eles foram forçados a publicar uma longa lista de cerca de 300 soldados mortos, durante um período de 4 meses; e a nossa experiência ensina-nos que, quando eles anunciam 300, isso quer dizer que o número real é muito maior.

E os mortos não são já só soldados: são oficiais de alta patente - foi já anunciada a morte de pelo menos 2 Tenentes-Coronéis e vários majores portugueses na luta em Moçambique.

A morte de Capitães e Tenentes é já vulgar - fotografias como estas que publicamos aqui, com o respectivo comunicado, aparecem frequentemente nos jornais portugueses. Isto é, sem dúvida, outro sinal do desenvolvimento da nossa luta.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu em combate na província de Moçambique o capitão miliciano de Artilharia José Joaquim Pereira da



Silva, natural de Lamego, filho do Sr. Francisco Pereira da Silva e da Sr.ª D. Clara de Jesus Pereira da Silva.

O capitão Pereira da Silva fora mobilizado pelo GACA 2, tendo seguido para o Ulisses no dia 20 do Maio do corrente ano.

O serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu em combate na província ultramarina de Moçambique o Capitão de Cavalaria, Jaime Anselmo Alvim Faria Afonso, natural de Lisboa, filho de João Jaime de Faria Afonso e D. Laura da Costa Alvim, casado com D. Maria Regina Vieira Simões.

O capitão Faria Afonso fora mobilizado pelo D. G. A., tendo embarcado para aquela província ultramarina em 24 de Abril de 1970.



CAPTÃO DE CAVALARIA JAIME ANSELMO ALVIM FARIA AFONSO

VISITANTES ESTRANGEIROS COM A FRELIMO NO NIASSA

No passado mês de Maio, um jornalista Tanzaniano, e dois estudantes da Universidade de Dar Es Salaam (o Presidente e o responsável da Informação da União dos Estudantes Universitários) visitaram durante cerca de tres semanas as zonas libertadas do Niassa Oriental, a convite da FRELIMO. Ali encontraram-se com o camarada Presidente da FRELIMO, Samora Machel, bem como com outros camaradas nossos, responsáveis daquela Província.

No seu regresso a Dar Es Salaam, os estudantes deram uma conferência de Imprensa em que apresentaram aos jornalistas as suas impressões sobre aquilo que viram em Moçambique. Eles declararam-

-se particularmente impressionados pelo carácter revolucionário da nossa luta que, como puderam observar, está a construir uma sociedade completamente nova, e livre, em Moçambique. Confirmaram o controle da FRELIMO sobre grandes áreas de Moçambique, e os nossos sucessos nos trabalhos da reconstrução nacional - designadamente nos campos da educação, produção, serviços sociais, serviços de saúde, etc. Salientaram particularmente o alto espírito e o sentido de disciplina do exército da FRELIMO e o importante papel que a mulher moçambicana está a desempenhar na nossa luta.

Por iniciativa da União dos Estudantes Universitários de Dar Es Salaam, vai ser criado um fundo para a FRELIMO. Esse fundo canalizará as ofertas de roupa, medicamentos, dinheiro, etc., para a FRELIMO.

A nossa luta torna-se mais e mais conhecida. O apoio internacional cresce.

